

A AMBIGUIDADE COMO LINGUAGEM DA NEGATIVIDADE:

Um Estudo Sobre o “*Conceito de Ironia*” de Soren Kierkegaard

Diogo Santana¹
Roberto Nunes Bittencourt²

RESUMO: Segundo Soren Kierkegaard, a positividade da linguagem (conceituação do fenômeno) constitui atributo pessoal para o estabelecimento de valores. Onde a subjetividade é condição para se dizer o mundo. É assim quando faz história, conceitua os fenômenos e as pessoas a sua volta. O Conceito de Ironia ao se dedicar ao fenômeno Sócrates parte do testemunho de seus contemporâneos (Xenofontes, Platão e Aristófanes) tipificando um movimento dialético (logo uma linguagem) que vai do positivo ao negativo, que ele descreve como útil, poético e irônico. Ao determinar o negativo como o lugar do irônico, o presente trabalho se dedicará a destacar essa relação especificamente no testemunho de Aristófanes sobre Sócrates, logo, na comédia caracterizada pela ambiguidade, assim como apresentar o valor expressamente crítico desse método, seja para a polis grega com Sócrates, seja pela retomada que dele faz Soren Kierkegaard contra a cristandade europeia, representando toda uma cultura.

Palavras-chave: Negatividade, ambiguidade, Kierkegaard, Sócrates.

ABSTRACT: According to Soren Kierkegaard, the positivity of language (conceptualization of the phenomenon) is a personal attribute for establishing values. Where subjectivity is a condition to tell the world. It does so when history, conceptualizes phenomena and people around you. The Concept of Irony to devote to the phenomenon Socrates part of the testimony of his contemporaries (Xenophon, Plato and Aristophanes) typifying a dialectical movement (just a language) that goes from positive to negative, which he describes as useful, poetic and ironic. In determining the negative as the place of irony, this paper will focus on highlighting this relationship specifically in the testimony of Aristophanes on Socrates, right, in the comedy characterized by ambiguity, as well as introduce explicitly critical value of this method is for the Greek polis with Socrates, is what makes him the resumption Soren Kierkegaard against European Christendom, representing an entire culture.

Key-Words: Negativity, ambiguity, Kierkegaard, Socrates.

DISTINÇÃO ENTRE FENÔMENO E CONCEITO

É reconhecido por alguns estudiosos em Soren Kierkegaard (como Vergote, Álvaro Valls e Márcio Gimenes de Paula) que *O Conceito de Ironia* constitui a descrição do método kierkegaardiano por excelência. O “método”, por ser irônico, é inevitavelmente ambíguo, e por isso, inseparável de um problema de linguagem. O presente trabalho estabelece o objetivo em descrever,

¹Graduando em Filosofia. Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Email: diogosantana45@yahoo.com.br.

²Doutor. em Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: rnb.roberto@gmail.com

de maneira sintética os principais elementos que determinarão essa problemática para Kierkegaard. Na introdução do Conceito de Ironia, Kierkegaard procura explicitar que a ironia, antes de ser um problema da história e da filosofia (particularmente da relação entre as duas), é um problema de linguagem e inevitavelmente estabelece uma ambiguidade quanto a possibilidade de conhecimento do real, e isso significa, a impossibilidade de sistematização do próprio real, tendo em vista sua negatividade absoluta. Para tanto, realiza uma distinção e uma relação fundamental entre fenômeno e conceito.

Se há algo que se tem de louvar no empenho (Straeben) filosófico recente em sua grandiosa aparição, é certamente a potência genial com que agarra e segura o fenômeno. Ora, se condiz ao fenômeno, que é propriamente foemini generis (do gênero feminino), devido à sua natureza feminina, entregar-se ao mais forte, também se pode exigir, do cavaleiro filosófico, por uma questão de equidade, a respeitosa decência, a profunda exaltação de um apaixonado (Svaermeri), no lugar dos quais às vezes só se escutam o retinir das esporas e a voz do dominador. O observador deve ser um erótico, nenhum traço, nenhum momento pode ser indiferente para ele; mas, por outro lado ele deve também perceber a sua superioridade, que entretanto só usará para auxiliar o fenômeno a se manifestar completamente. Pois, se bem que o observador traga o conceito consigo, importa, mesmo assim, que o fenômeno não seja violentado, se se veja o conceito surgindo a partir do fenômeno (KIERKEGAARD. Soren. 1991. Pag. 23).

Há uma oposição e uma relação, aliás, característica dialética bem comum em Kierkegaard. Uma oposição tendo em vista que fenômenos não são conceitos. A comparação entre gêneros masculino e feminino, passividade e atividade, muito embora produtos de um romantismo cultural, talvez difíceis de escapar para o filósofo, determinam bem o sentido *positivo* e *negativo* que ele oferece a um e a outro. O conceito consiste na atribuição de sentido que se dá ao fenômeno. Possui portanto, caráter, positivo, qualitativo e teleológico. Tem em vista o eterno e o imutável. É nesse sentido que Kierkegaard atribui ao conceito funcionalidade, assim como, a tarefa do filósofo, enquanto observador do fenômeno, em conceitua-lo, torná-lo funcional. O fenômeno por outro lado, enquanto oposto ao conceito, possui caráter negativo, quantitativo e sem finalidade. É ambíguo e paradoxal por natureza. Kierkegaard atribui a história a

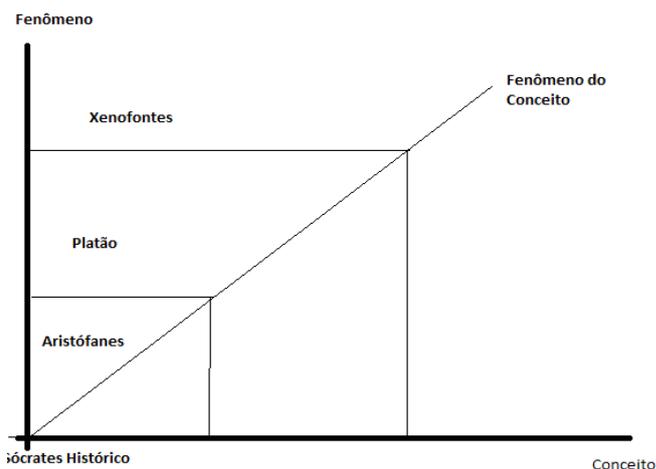
vocação de descrição quantitativa dos fenômenos. Há uma passagem no *Ortodoxia* de G.K.Chesterton que tipifica bem essa concepção kierkegaardiana:

Quando se anunciou a evolução científica, houve quem temesse que ela estimulasse a mera animalidade. Fez pior: estimulou a mera espiritualidade. Ela ensinou os homens a pensar que, se eles estavam ultrapassando o macaco, estavam caminhando para o anjo. Mas você pode ultrapassar o macaco e ir para o diabo (Chesterton. G.K. 2008. Pag. 251).

O que se deve levar em consideração, tanto para Kierkegaard, quanto para Chesterton, é que para ambos, o dado é sempre ambíguo e pode ser preenchido por qualquer conceito, levando em consideração sua funcionalidade. Que o dado é negativo. Algo muito próximo (do ponto de vista político) ao que Karl Marx irá defender quando ao fazer da história uma luta de classes, a faz portanto, história de uma classe.

Aí já temos então uma definição que percorre toda a ironia, ou seja, que o fenômeno não é a essência, e sim o contrário da essência. Na medida que eu falo, o pensamento, o sentido mental, é a essência, a palavra é o fenômeno. Estes dois momentos são absolutamente necessários, e é neste sentido que Platão observou que todo pensar é um falar (KIERKEGAARD. Soren. 1991. Pag. 215).

A relação entre fenômeno e conceito, entre história e filosofia, se estabelece na condição do observador. Kierkegaard se estabelece contra qualquer arbitrariedade na observação de um fenômeno, comparando tal postura como uma espécie de violência. O filósofo é um erótico, e isto significa, que para ele o conceito deve sempre partir do fenômeno. É evidente a ironia do próprio Kierkegaard nessa afirmação, pois se todo fenômeno é pura negatividade, todo conceito sobre ele é pura arbitrariedade, determinada por fins utilitários. É violência. É preciso portanto, determinar uma fenomenologia de outro modo: não mais a partir do fenômeno, mas sim a partir do conceito sobre ele. É possível intuir graficamente essa relação: uma linha horizontal representando o movimento do conceito ao longo do tempo, paralelamente, uma linha vertical representando o movimento do fenômeno no espaço. Essa relação é transpassada por uma linha representando a relação existente entre ambos, na presença do fenômeno em todo conceito:



O SÓCRATES HISTÓRICO

Deve-se considerar que a dissertação de 1841 é sobre ironia, contudo, sobre ironia socrática. Sua preocupação inicial é portanto determinar *uma concepção confiável e autêntica da existência historicamente real, fenomenológica de Sócrates com referência à questão de sua possível relação com a concepção transfigurada que lhe ortogaram seus contemporâneos entusiastas ou invejosos* (KIERKEGAARD. Soren.1991: pag. 23). Sendo o fenômeno pura negatividade, nada pode ser dito sobre ele, nesse aspecto, de certa forma, é possível intuir onde Kierkegaard irá chegar. Seu fenômeno é o Sócrates histórico onde nada é possível dizer. Seu conceito consiste nos relatos deixados por seus contemporâneos, particularmente Xenofontes, Platão e Aristófanes. Seu objetivo porém consiste em alcançar o fenômeno a partir desses relatos (do conceito), e isto é apenas possível admitindo que o conceito por mais distante do tempo que esteja do fenômeno, ainda o carrega consigo. É nesse sentido que Kierkegaard afirma que o conceito deve partir do fenômeno. Como o fenômeno é negativo, a proposta do filósofo dinamarquês consiste em determinar o negativo como fator de identidade entre os relatos díspares existentes sobre ele. Um *cálculo combinatório*.

Em sua tese de finalização de curso de teologia, Conceito de Ironia: constantemente referido a Sócrates (1991), Kierkegaard quer pensar o elemento que fez de Sócrates um personagem clássica. Já no contexto desse livro, o

dinamarquês está pensando no método que torna possível a eternização de um elemento, no caso, a figura de Sócrates. Para ele, o que propriamente se eterniza em Sócrates é seu método, a ironia, que vem ao mundo com o Sócrates histórico, mas que o transcende, uma vez que se eterniza e chega aos nossos dias. O projeto do Conceito de Ironia é acompanhar o fenômeno, a ironia, em seu surgimento, o que só se faz possível acompanhando-se a personagem histórica Sócrates, uma vez que a ironia dá entrada no mundo por meio dela. Sócrates não deixou registro do seu método, a não ser na memória e nas descrições de alguns de seus seguidores. Tais descrições são diacrônicas entre si, de forma que não se sabe quem realmente foi Sócrates, do que se pode deduzir que essa figura não é, para Kierkegaard, histórica, mas mítica. E o que vem à tona com essa figura é o silêncio (ou a ironia) como manifestação negativa (universal) do particular. Em cada descrição da figura mítica e universal de Sócrates, aparece o particular, ou seja, em cada um de seus apresentadores ele encontra expressão: Xenofonte, Platão e Aristófanes. E somente enquanto jogo combinatório desses particulares que a figura universal de Sócrates pode aparecer (PROTÁSIO. Myriam Moreira. 2014. Pag. 46).

Kierkegaard se preocupa em seguir essa ordem de análise (Xenofontes, Platão e Aristófanes) pois esta corresponde a um movimento dialético que vai do conceito ao fenômeno, tanto do Sócrates, quanto de sua ironia, do positivo ao negativo, de tal maneira que o permitiu afirmar que *Aristófanes chegou perto da verdade ao descrever Sócrates*³.

O Sócrates de Xenofontes constitui o Sócrates da Exterioridade, concebido pela relação quantitativa entre sujeito e ato, ou seja, Sócrates para Xenofontes é o que fez, seu exterior é idêntico ao seu interior, sua ação corresponde a sua intenção. O Sócrates de Xenofontes é o da memória. Não é nada ocasional que o livro de Xenofontes tenha o nome de Memorabilia. A primeira grande crítica feita por Kierkegaard a Xenofontes, é que com ele o Sócrates da tradição desaparece. Sócrates não é irônico, o fenômeno é idêntico ao conceito, o real é idêntico ao racional. Partindo da possibilidade de definição, Sócrates é concebido como um bom cidadão, devoto dos deuses e um professor de moral para os jovens. Ele é reduzido ao útil, a empiria. A segunda grande crítica é que justamente essa redução torna absurdo o Sócrates da tradição, de maneira que a tradição sobre ele (como pai da filosofia e da ironia) torna-se

³ Tese vii do *Conceito de Ironia*.

injustificável. Como alguém poderia ser condenado a morte justamente por ter tantos atributos louváveis entre os gregos? Há segundo Kierkegaard, uma intenção clara por parte de Xenofontes, de defesa da honra de seu mestre já falecido, de uma apologia, tornando Sócrates, além de bom, completamente inofensivo.

Precisamos recordar preliminarmente que Xenofontes tinha uma intenção (e isto é uma falha ou algo onerosamente supérfluo), ou seja, queria demonstrar como gritava aos céus a injustiça que os atenienses cometeram com Sócrates ao condená-lo a morte. E Xenofontes conseguiu isso numa medida singular, de forma que antes se acreditaria ser a sua intenção demonstrar que a condenação de Sócrates foi uma imbecilidade ou um equívoco dos atenienses. Pois Xenofontes o defende de uma tal maneira, que Sócrates se torna não apenas inocente, mas completamente inofensivo, de modo que a gente fica profundamente assombrado, perguntando-se qual demônio teria enfeitado a tal ponto os atenienses que eles puderam ver nele mais do que um sujeito bonachão, conversador e engraçado, que não fazia nem mal nem bem, que não prejudicava a ninguém, e que no fundo do coração só queria bem a todo mundo, contanto que quisessem escutar sua conversa fiada (KIERKEGAARD, 1991. Pag. 28).

Sobre o Sócrates de Xenofontes, conclui Gimenes de Paula:

O Sócrates de Xenofontes é muito ligado a narrativa histórica e à memória, não sendo destacado o Sócrates enquanto indivíduo (...). Além disso, os ditos de Sócrates compilados por Xenofontes são, para Kierkegaard medíocres e raramente alcançam a idéia. Isso ocorre, segundo Kierkegaard, porque o Sócrates de Xenofontes ainda está no empírico, não alcançando a idéia (como em Platão) e sequer tendo um ponto de vista (que é melhor do que a empiria). (...). Nesse sentido, a ciência socrática torna-se ciência do necessário, procedendo dessa imagem a concepção de um Sócrates contido nos prazeres e abstinência. Ora, isso não aparece como autodomínio e sabedoria como em Platão, mas como cinismo. Notemos que no Banquete de Platão, Sócrates come e bebe e é admirado por fazer isso sem se exceder, ao passo que na Apologia de Xenofontes, Sócrates dá graças ao morrer, visto que assim se livraria das doenças e da velhice. Isso tudo parece, aos olhos de Kierkegaard, uma paródia da idéia (PAULA, 2009).

Platão se distingue de Xenofontes, fundamentalmente pela idealidade. Xenofontes é empírico, e reduz Sócrates ao útil, Platão por outro lado é poético, e seu Sócrates é elevado à condição de um messias do pensamento, disponível exclusivamente à sua missão divina. A idealidade, segundo Kierkegaard, corresponde um tipo de reconciliação, pois vendo o mundo como ele deve ser, vê de antemão como ele é, através de um negativo. Em Platão essa reconciliação é trágica, pois o ideal nunca atinge a idéia, a persegue através de uma

progressão infinitamente para trás, mas fracassa, pois torna a infinitude um tipo de fuga da realidade:

É através de uma negação daquela realidade imperfeita que a poesia inaugura uma realidade superior, alarga e transfigura o imperfeito em perfeito, e com isso atenua a dor profunda que quer escurecer tudo. Desta maneira, a poesia é uma espécie de reconciliação, mas não é a verdadeira reconciliação; pois ela não me reconcilia com a realidade em que eu vivo, com sua reconciliação não ocorre nenhuma transsubstanciação da realidade dada, e sim ela me reconcilia com a realidade dada proporcionando-me uma outra realidade, superior e mais perfeita. Quanto maior for então a oposição, tanto mais imperfeita será propriamente a reconciliação, de modo que muitas vezes não se tornará em reconciliação, mas em hostilidade. Somente o religioso estará portanto propriamente em condições de produzir ou viabilizar a verdadeira reconciliação; pois ele infinitiza a realidade para mim. O poético é por isso uma espécie de vitória sobre a realidade, mas a infinitização consiste em aí mais numa emigração para fora da realidade do que num permanecer nela. Viver poeticamente é portanto viver infinitamente. Mas a infinitude pode ser uma infinitude exterior ou uma infinitude interior. O que quer gozar em poética infinitude tem então uma infinitude para si, mas esta é uma infinitude exterior. Com efeito, ao gozar eu estou constantemente fora de mim no outro. Mas uma tal infinitude deve necessariamente abolir a si mesma. Somente quando eu, ao gozar, Não estou fora de mim mesmo, mas sim em mim mesmo, somente então o meu gozo é infinito; pois ele é interiormente infinito. Quem goza poeticamente, mesmo que gozasse o mundo inteiro, careceria ainda de um gozo, pois ele não goza a si mesmo. Mas gozar a si mesmo (não no sentido estoico ou egoístico, pois aí novamente não há uma verdadeira infinitude, e sim no sentido religioso) é a verdadeira infinitude (KIERKEGAARD, 199. Pag. 255).

IRONIA EM ARISTÓFANES

Para Kierkegaard tanto a tragédia, quanto a comédia representam categorias distintas do negativo presente no conceito do fenômeno. Negativo esse representado pela tragédia como poesia e na comédia como ironia. Respectivamente identificados nos relatos de Platão e Aristófanos, pois *Platão e Aristófanos têm, então, isto em comum: suas exposições são ideais, mas em relação recíproca, inversa, pois Platão tem a idealidade trágica, e Aristófanos a cômica* (1991: pag.109):

Com Xenofontes pode-se por isso de bom grado admitir que Sócrates gostava de perambular e falar com todo tipo de gente, porque qualquer coisa ou evento exterior serve de pretexto ou ocasião para aquele irônico que tem sempre uma resposta pronta; com Platão, pode-se de bom grado deixar Sócrates tocar a idéia, só que a idéia não se

abre para ele, sendo, pelo contrário, um limite. Cada um desses dois apresentadores procurou, naturalmente, completar o que faltava em Sócrates. Xenofontes puxando-o para baixo até as rasteiras do utilitário, Platão elevando-o até as regiões supraterrrestres da idéia. Mas o ponto que se situa no meio, imperceptível e extremamente difícil de fixar é a ironia (...). A ironia oscila entre o eu ideal e o eu empírico; um faria de Sócrates um filósofo; o outro, um sofista; mas o que o faz ser mais do que um sofista é o fato de que seu eu empírico tem validade universal (KIERKEGAARD: 1991. Pag.108).

Segundo Kierkegaard, a intenção por trás da idealidade cômica reside na comparação feita entre o ideal e o empírico, entre o que é e o que deve ser. O mesmo acontece com a tragédia. Entretanto, no trágico o ideal nunca é alcançado, enquanto o eu empírico já está dado. Na comédia se estabelece o inverso: o ideal consiste no dado proposto pela sociedade grega a respeito de Sócrates (sofista, astrônomo e etc), enquanto o eu empírico nunca é dado. É negativo. É nesse sentido que Kierkegaard distingue As Nuvens de uma Sátira e o seu personagem principal de um mero sofista:

Conceber apenas a realidade empírica de Sócrates, apresenta-lo na cena tal qual ele era na vida teria estado abaixo da dignidade de Aristófanes e teria transformado sua comédia num poema satírico; por outro lado, idealizá-lo numa tal medida que ele afinal se tornasse irreconhecível teria ficado completamente fora do interesse da comédia grega. Que esta segunda hipótese não ocorreu, a própria Antiguidade nos testemunha, pois ela relata que apresentação das Nuvens foi honrada com a presença do crítico que neste mundo era o mais rigoroso, o próprio Sócrates, o qual, para diversão do público, levantou-se durante a apresentação, a fim de que a multidão reunida no teatro pudesse convencer-se da semelhança devida (KIERKEGAARD: 1991. Pag. 109).

Gimenes de Paula acrescenta:

A ironia aparece em Aristófanes como especulação, e essa especulação equivale a lucro. Em outras palavras, a ironia de Aristófanes é ligada a uma dialética meramente negativa. Também é demonstrado por Aristófanes que Sócrates não é sofista. Visto que este demora e aprimora o raciocínio; e também não é um fisiólogo ateu, aparecendo claramente o ponto de vista de Sócrates. Por isso, as acusações antigas que Aristófanes recebeu, segundo

Kierkegaard, não se sustentam. Afinal, o Sócrates retratado por ele é irônico, leve (como o exemplo dele suspenso num cesto) e demonstra um ponto de vista. Portanto, é um Sócrates subjetivo que, segundo Kierkegaard, se encerra egoisticamente na ironia (PAULA. Márcio Gimenes: 2009. Pag. 50).

A comparação entre o ideal e o empírico constitui para Kierkegaard o negativo, e por isso mesmo, o ambíguo. Ambiguidade determinada apenas por movimentos dialéticos distintos. Pois enquanto o trágico especula a dialética da idéia, o cômico por outro lado, apenas chega na idéia da dialética. Recua, portanto. Mas tanto, que não sobra nada. Ironia. O que se deve ressaltar é a relação que a ambiguidade do negativo, isto é, do conceito do fenômeno tem com a vida. Quem enquanto ambígua é simultaneamente trágica e cômica. E que apenas terá um aspecto ou outro, de acordo com uma posição (e por isso mesmo uma decisão) dialética específica, o que é totalmente subjetivo, existencial.

BIBLIOGRAFIA

CHERTERTON. G.K. **Ortodoxia**. Editora Mundo Cristão. 2007.

PAULA. Márcio Gimenes de. **Socratismo e Cristianismo em Kierkegaard: o escândalo e a loucura**. Editora Annablume. 2009.

PROTÁSIO. Myriam Moreira. **Da Genialidade Sensível ao Amor à Norma: existência e consciência em Kierkegaard**. Editora Mauad. 2014.

KIERKGAARD. Soren. **O Conceito de Ironia: constantemente referido a Sócrates**. Editora Vozes. 1991.